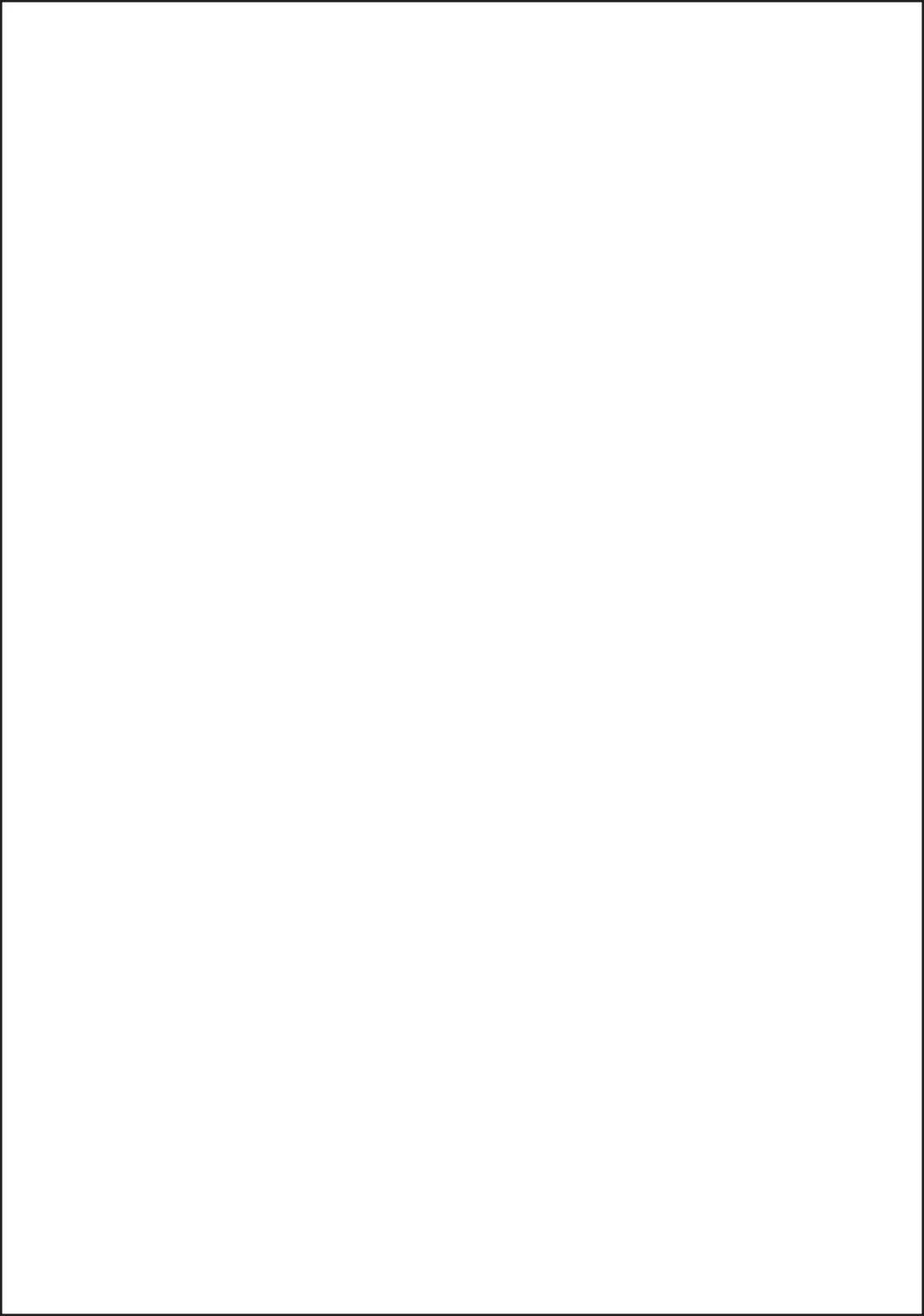
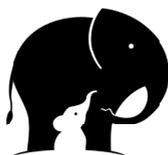


CONTOS DO TIO BETO





CONTOS DO TIO BETO



LEGADO
HISTÓRIAS DE VIDA

Nota do autor:

As histórias contadas aqui são da memória de Maria Elisabete de Carvalho, contadas pelo pai, Norberto Monteiro de Carvalho. Não se sabe a autoria delas. O objetivo deste livro, que não será comercializado, é um registro dessas histórias para a família de Norberto.

Texto e diagramação: Valquíria Vita
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida
Fotos: Arquivo pessoal da família
Ano: 2021

www.historiasdevida.com.br



Norberto Monteiro de Carvalho, o tio Beto, morador de Capão da Tapera, contava histórias. Não era um leitor. Mas tinha os seus contos na cabeça. Com olhos de menino alegre e criativo, tinha uma capacidade de dramatização de poucos. No interior de São Francisco de Paula, ele era requisitado pelas crianças para contar essas histórias no final do dia. Quando ele falava, ninguém dava um pio.

Norberto faleceu em 2002, mas os seus famosos contos estão agora eternizados neste livro, graças à memória de sua filha, Maria Elisabete de Carvalho, que, aos 73 anos, sabe narrar as histórias como se as estivesse escutando hoje.

E ainda consegue lembrar dos cenários e personagens com a mesma nitidez que imaginava quando o pai contava para ela, na época de menina, no interior de São Francisco de Paula, RS. Anos mais tarde, ela passou a contar essas histórias para as filhas Paula, Daniela e Mariolga. Depois para os netos Daniel e Henrique, e para a bisneta, Isadora. E muito mais gente, número maior do que se pode imaginar, que também possa ter escutado os contos em algum momento da vida, provavelmente os seguiu passando adiante.

Pela primeira vez, eles estão registrados no papel. Onde boas histórias ficam para sempre.

Quem foi Tio Beto

Na década de 50, especialmente no campo, as opções de lazer eram muito escassas (mais ainda, à noite). As crianças não tinham o entretenimento de hoje e isso pode ajudar a explicar por que ouvir histórias era um momento tão aguardado.

Sem luz, televisão, livros ou tecnologias, os mais jovens da vizinhança de Norberto se reuniam para escutá-lo quando o sol ia embora. Ninguém sabe, até hoje, com quem ele aprendeu as histórias que gostava de repetir, se havia inventado ou ouvido de alguém em sua infância.

A casa simples de campo ficava em Capão da Tapera, região que pertencia totalmente à família Carvalho, em São Francisco de Paula, divisa com Cambará do Sul. Norberto era um homem de gênio forte. Quase não frequentou a escola. Sabia assinar o seu nome, nada mais. Isso não o intimidava.

Norberto só fazia o que queria, não aceitava ordens de ninguém e não tinha medo de colocar o seu ponto de vista acima de qualquer outro. Falante, sabia narrar casos em detalhes. Suas habilidades de comunicação o fizeram juiz de paz, o que o permitiu realizar casamentos na região. Além disso, criava gado, gostava de caçar e de organizar corrida de cavalos.

Tio Beto era casado com Olga Rodrigues de Carvalho, uma mulher religiosa que gostava de flores. Eles tinham três filhos: José, Lourdes e Elisabete. Os três eram parte do grupo de crianças que, junto com sobrinhos e vizinhos (e alguns que vinham caminhando do outro lado do rio só para isso), se reuniam no fim do dia para escutar as histórias do tio Beto, na “casa de queijo”, que ficava atrás da casa da família. Nesse espaço, se fazia queijo, lavava louça e outras atividades que não cabiam na casa principal.

Cada criança pegava um banquinho de madeira e se sentava ao redor do fogo para ouvir o tio Beto, que começava o ritual das histórias pegando um pedacinho de madeira e colocando na fogueira: “Lá vai mingoti. Se morrer, pague a morte”. O gravetinho passava de um em um, e era sempre uma gargalhada quando o fogo apagava na mão de alguém. “Pagar a morte” era acendê-lo outra vez.

“Agora, se ficarem quietos, eu conto. Mas tem que ficar bem quieto”, começava tio Beto.

O MACACO E O TIGRE

Há muitos e muitos anos, existia uma enorme floresta, onde todos os animais falavam. Dois deles, o tigre e o macaco, começaram a namorar a mesma moça, uma veada. E tinham muitas brigas por causa da namorada.

O macaco, só para incomodar, ria do tigre e corria para as árvores... Ria e corria para as árvores... O tigre dizia:

— Macaco, eu vou te matar! Macaco, eu vou te matar!

O macaco apenas ria e pulava para o chão, para provocar o tigre, e pulava de volta para as árvores.

Certo dia, em uma dessas macaquices, se viu sem árvore para se abrigar do tigre. Correram, correram, correram e o macaco entrou em uma toca.

O tigre, rápido, conseguiu segurar o rabo dele.

— Tigre, bobão, você pensa que está segurando meu rabo, mas está segurando uma raiz - mentiu o macaco, fazendo com que o tigre o soltasse. Agora, do fundo da toca, o macaco disse:

— Tigre, tu é um bobão, tu estava, sim, segurando o meu rabo!

O tigre, furioso, começou a cavar com as patas. Cavou até não ter mais forças.

— Vou até a minha casa pegar uma pá para tirar esse macaco daqui.

— Se tu sair daqui, tigre, eu vou escapar — provocou o macaco.

Por alguns minutos, o tigre ficou nesse dilema.

— Se eu sair para buscar a pá, ele foge. Se eu ficar, não consigo alcançá-lo — pensava.

Nisso, ele percebeu que, próximo deles, assistindo à cena, havia um sapo.

— Sapo, fique aqui cuidando do macaco. Se deixar ele escapar, eu te mato — ordenou o tigre.

O pequeno sapo, temendo por sua vida, obedeceu. O tigre foi buscar a pá e ele ficou na entrada da toca, vigiando o macaco, que perguntou:

— Sapo, o tigre já está longe?

Diante da confirmação, o macaco continuou:

— Então tu abre bem os teus olhos, mas abre bem, porque senão eu vou escapar, hein?

O sapo enfiou a cara na toca e abriu bem os olhos. O macaco pegou um punhado de terra, jogou nos olhos esbugalhados do sapo e fugiu.

Após limpar os olhos e se recuperar do susto, o sapo percebeu o que havia acontecido e decidiu não contar a verdade ao tigre. De volta, com a pá, o tigre indagou:

— O macaco não fugiu, né?

— Não, não... Está aí dentro...

Enquanto isso, o macaco estava em cima de uma árvore, rindo baixinho. O tigre começou a cavar vigorosamente, até que descobriu que o macaco não estava mais lá. Ficou furioso com o sapo. Olhou para o alto e viu o macaco, assoviando e cantando.

— Eu já estava furioso com o macaco, agora estou ainda mais furioso contigo, sapo!

O sapo, sabendo que ia morrer, respondeu ao tigre:

— Pelo amor de Deus, me coloque no fogo, mas não me coloque na água!

— Como assim, sapo?

— Na água eu vou morrer afogado, não quero ir para a água, por favor.

— Se não quer ir para a água, é para a água que você vai — disse o tigre, jogando o sapo em um lago.

Feliz da vida, o sapo saiu nadando e se esbaldando na água. Para completar a irritação do tigre, o macaco saiu gritando:

— O tigre não é de nada, eu faço o que eu quero com ele! Se quiser, monto e faço dele o meu cavalo!

Após esse acontecimento vergonhoso, o tigre decidiu ficar na cola do macaco. Até que descobriu pela raposa, que fazia o serviço de leva e traz das notícias da floresta, que o macaco estava muito doente, provavelmente em seus últimos dias.

— Então não vou nem me dar o trabalho de matá-lo - pensou o tigre, que decidiu ir visitar o doente, para se certificar.

Chegando lá, avistou o macaco, acamado. E decidiu que era a última chance de limpar o próprio nome. Na verdade, fazer com que o inimigo limpasse.

— Quero que tu vá ao centro da floresta e diga para todo mundo que eu não sou o teu cavalo - disse o tigre.

— E como eu vou fazer isso? - disse o macaco, com dor. - Ainda se eu tivesse alguém que me levasse nas costas... desse jeito que eu tô, eu não consigo nem caminhar...

O tigre, robusto, pensando em sua reputação e sua vaidade, aceitou levá-lo nas costas até o centro da floresta. Mas o macaco não conseguiu se equilibrar em seu pelo lustroso.

— Assim eu vou cair, é muito liso! E se colocássemos um tapetinho nas tuas costas? - sugeriu o macaco.

— Pode pegar, bota o tapetinho nas costas... - respondeu o tigre.

Ao tentar subir, o macaco caiu, afirmando que lhe faltavam forças.

— Se ainda me deixasse colocar uma encilha, algo para eu me apoiar e poder segurar ao subir...

— Tá, macaco, vai lá, coloca a encilha.

— Mas vai ficar muito duro, muito desconfortável para sentar, ainda mais, doente do jeito que eu tô...

— Tá, macaco, pega o pelego, coloca ele em cima.

— Mas já que eu vou morrer, que estou assim tão malzinho, poderia deixar eu colocar, ao menos, uma bota, para as pessoas não terem uma recordação tão triste de mim. E também uma espora, que faria com que eu parecesse mais cavalheiro...

Então o macaco montou no tigre, todo pilchado com encilha, pelego, bota e espora. E foram em direção ao centro da floresta, onde todos aguardavam para assistir ao discurso do moribundo. O tigre, ansioso para que o macaco dissesse que ele não era o seu cavalo, chegou em um grande salto, fazendo uma entrada triunfal. E o macaco, que não estava nada doente, anunciou:

— Estão vendo como eu falo a verdade? Ele é, sim, o meu cavalo!

Ao som dos risos da floresta inteira, o tigre jurou que na próxima, se vingaria do macaco de vez.

Logo depois daquilo, a floresta passou por uma seca muito forte. Não tinha comida nem água, toda a bicharada estava sofrendo. O tigre se deitou na beirada do último laguinho disponível, com o plano de pegar o macaco quando ele precisasse beber.

— Quando ele aparecer aqui, vai ser um macaco morto.

O macaco conseguiu enrolar por muitos dias, sem comer nem beber, até que encontrou uma lichiguana (uma espécie de colmeia de abelhas). Faminto, começou a chupar todo o mel da lichiguana. Quando acabou, teve uma sede terrível.

— E agora? Como vou tomar água?

Decidiu passar em si mesmo o mel que havia sobrado. Passou na cabeça, tronco, braços e pernas, e se cobriu de folhas secas do chão. Foi assim, irreconhecível, até o lago.

— Bom dia, seu tigre. Tô com muita sede, posso tomar uma água?

— Pode. Só quem não pode tomar água aqui é o macaco. Se ele aparecer por aqui, eu mato ele. Mas pode vir tomar água, compadre folharada.

O macaco tomou água desesperadamente.

— Que tanta água bebe, compadre?

O macaco seguia bebendo. Quando ficou bem satisfeito, deu um pulo, subiu numa árvore e gritou:

— Tigre, tu é um bobão! Aqui é o macaco!

O tigre, enganado mais uma vez, olhou para um lado, olhou para o outro, procurando ajuda de outros animais para se vingar do macaco. Sem sucesso. Apenas a raposa decidiu que ajudaria o coitado do tigre na próxima.

— Eu vou fazer de conta que eu morri – disse ele à raposa – e tu vai sair espalhando essa notícia para todo mundo. Assim, quando o macaco vier se certificar, eu vou dar um bote e matá-lo, finalmente.

No dia seguinte, o tigre organizou todo um velório. Fingiu-se de morto e, entre os presentes do funeral, estava também o macaco. A raposa logo foi falar com ele:

— Venha ver! O tigre morreu mesmo, agora tu vai ficar tranquilo.

O macaco, com cuidado, foi chegando perto, mas não perto demais.

— Raposa, só me diga uma coisa. O tigre tá morto mesmo?

— Tá, sim. Passou a noite toda aí, sendo velado. Tá morto.

— Mas o tigre já peidou?

— Não, não peidou.

— Então não tá morto, porque todo o defunto que eu vejo, peida. Se ele não peidou, é porque não tá morto.

O tigre ouviu a história, se apertou e peidou.

— Ah, mas todo o defunto que eu vejo não peida uma vez só – continuou o macaco – ele peida três vezes.

O tigre se esforçou e conseguiu peidar mais duas vezes. O macaco anunciou:

— Ô, dona raposa e pessoal! Vamos sair daqui, porque, para mim, defunto que peida é mau agouro!

E foi-se embora, rindo.

A RAPOSA E O HOMEM

Havia um senhor que vendia bananas em uma carretinha. Viajava de cidade em cidade, noite e dia. Era madrugada, quando, em uma de suas viagens, ele escutou uma voz sofrida, que dizia:

— Pelo amor de Deus, me tirem daqui, eu vou morrer, está muito apertado aqui!

Achou aquilo muito estranho e, quando os gemidos continuaram, decidiu parar a carreta. Viu que o pedido de socorro vinha de uma enorme cobra que estava presa debaixo de uma pedra.

— O que tá fazendo aí, dona cobra?

— Eu entrei embaixo dessa pedra quando eu era pequenininha. Mas daí eu cresci e não consegui mais sair. Não posso andar na floresta, não posso procurar comida, eu vou morrer aqui!

— Não seja por isso, eu vou te tirar daqui.

O homem ergueu a pedra e libertou a cobra. Ao sair, ela olhou para os lados e disse:

— Homem, eu vou te comer!

— Como assim, você vai me comer? Eu acabei de te livrar. Você estava embaixo de uma pedra e eu te tirei dali, e agora tu vai pagar o bem com o mal?

— Não quero nem saber, eu vou te comer, tô com fome, há muito tempo sem comida.

Enquanto eles discutiam, a raposa apareceu.

— O que tá acontecendo aqui? – perguntou.

— Aconteceu, dona raposa, que eu salvei a cobra que estava debaixo da pedra e agora ela quer me comer. O que a senhora acha dessa história?

— Olha, eu não vi como a cobra estava, mas se ela me mostrar, posso dar a minha opinião.

E a cobra, prontamente, se enrolou e entrou de novo debaixo da pedra.

— Agora, tire a pedra, dona raposa – ela pediu.

— Não, não tiro! Quando você estava livre, você foi mal agradecida. O homem te fez o bem e você queria matá-lo. Agora, fique aí – disse a raposa.

O homem seguiu viagem, agradecido. Mas ficou com aquilo na cabeça... Andou, andou, andou, e, naquele final de noite fria, no meio da estrada, avistou uma raposa encolhidinha, tremendo.

— Oi, dona raposa, o que a senhora está fazendo aí no meio da estrada nesse frio?

— Eu não tenho casa, não tenho lugar nenhum. Estou com muito frio, não sei o que vou fazer da minha vida...

— Não seja por isso – disse o homem, mais uma vez, ao lembrar que uma raposa, horas antes, havia salvado sua vida.

Tirou seu próprio casaco e enrolou a raposa, e a colocou no meio das bananas dentro da carreta para que ela ficasse protegida. Sentiu-se bem por ter feito o bem para alguém. Era como se sua dívida estivesse paga.

Andou mais um pouco e encontrou mais uma raposa no meio da estrada fria. Nem pensou duas vezes: foi lá, recolheu a raposa, tirou a camisa e a enrolou, colocando-a também junto com as bananas.

Andou, andou, andou, e, depois de muito tempo, viu mais uma raposa deitada na estrada. Mesmo com muito frio, tirou a calça, enrolou a raposa e botou ela no meio das bananas. Andou mais um pouco, agora só de cueca, tremendo cada vez mais, e viu mais uma raposa.

—Eu não aguento mais isso!

Foi lá, pegou a raposa pelo rabo e a jogou no meio da capoeira. A raposa gritou:

— Ah, seu homem mal agradecido, salvei a tua vida e agora tu me joga na capoeira?

E o homem, confuso, foi conferir as outras raposas que havia abrigado no meio das bananas. Não tinha mais raposa nenhuma lá. Ele havia recolhido sempre a mesma, de novo e de novo. Então, ele concluiu:

— Bom, fazer o bem sem olhar a quem. Mas que essa raposa me deu trabalho para pagar o que eu devia, ela deu.

E juntou as roupas ao longo da estrada, vestiu-se e seguiu seu caminho, deixando a raposa no meio da capoeira.

O VELHO E OS BICHOS

Há muito tempo, quando os bichos falavam e viviam junto com os homens, existia um velhinho. Com ele, viviam apenas um pato, um burro e um gato. Certo dia, chegou um andarilho, com cara de malfeitor, pedindo para dormir ali. O homem ficou com medo e disse que não, que ali não havia lugar para ele.

O andarilho foi embora e o velho chamou os animais:

— Olha, com certeza, ele vai voltar – disse o velho, que guardava ouro em sua casa – Vocês vão ter que me ajudar, porque eu sou velhinho e não vou conseguir me livrar dele tão fácil.

Jantaram e foram dormir. O burro disse que iria dormir atrás da porta. O pato quis dormir na escada. E o gato foi dormir nas cinzas do fogo de chão. Escureceu, a madrugada foi entrando e o andarilho voltou. Empurrou a porta e foi até a cama do velho.

— Me dê todo o ouro que você tem, senão eu te mato!

O velho começou a gritar por socorro. O andarilho disse:

— Olha, temos todo o tempo do mundo. Vou até acender meu cigarro naquela brasa ali que está acesa.

Quando chegou perto da brasa, viu que não era fogo, era o olho do gato. O gato tacou uma arranhada na cara do bandido, que saiu, cambaleando, sem saber o que havia o atingido. Quis correr, mas quando passou pela porta, o burro começou a dar coices. E o pato, da escada, gritava, na sua linguagem:

— PACHHH PACHHH PACHHH!

— “Paz” coisa nenhuma. Um me arranhou a cara, o outro está me enchendo de paulada e tu ainda vem gritar “Paz”?!

O homem saiu correndo. E nunca mais ninguém ouviu falar naquele malfeitor.

O CORVO E O SAPO

Há muitos anos, na floresta, havia um grande lago, um corvo, uma garça e um sapo. O corvo queria namorar a garça, mas ela dava mais atenção ao sapo, pois ele entrava na água — o corvo não. O corvo, ciumento, percebeu que precisava dar um jeito no sapo, tirá-lo do seu caminho. Inventou uma grande festa no céu e convidou todos os bichos da floresta.

— Mas corvo, como é que eu vou ir? Eu não sei voar!
— disse o sapo.

— Ah, problema é teu. Sinto muito. Faça um esforço, veja se consegue voar.

Como o sapo era bem esperto, aguardou o corvo arrumar toda a bagagem que levaria para o céu no dia da festa. Uma das coisas dessa bagagem era um violão (que o corvo sabia tocar). Em um momento de descuido, quando o corvo deixou o instrumento no chão, o sapo pulou para dentro dele. E lá se foi o corvo, com toda a bagagem, incluindo o violão, com o sapo escondido dentro.

Chegando no céu, o corvo estava feliz, confiante de que iria namorar a garça, toda branquinha e arrumadinha, agora sem a competição com o sapo. De repente, quando avista a garça na festa, vê ninguém menos do que o sapo ao lado dela.

— Mas como tu chegou aqui, sapo?

— Ah, eu vim vindo... subi numa árvore, depois em outra mais alta, fui escalando, escalando, até que cheguei aqui.

A festa não tinha mais graça para o corvo. Afinal de contas, tudo o que ele queria era uma festa em que o sapo não estivesse presente. O sapo, por outro lado, dançou, cantou, fez o que bem entendeu.

— Bom, eu vou embora. Essa festa acabou para mim. Montei uma festa desse tamanho para todos se divertirem e eu estou aqui sozinho.

E o sapo só olhando e pensando: “Se o corvo inventa de ir embora, eu tô frito.”

O corvo foi trocar de roupa para partir e o sapo pulou para dentro do violão dele. Na hora de se despedir, o corvo sentiu falta do sapo.

— Ué, mas o sapo já foi embora? Vou ficar mais um pouco, então.

Pegou seu violão e sentiu que ele estava pesado. Olhou para dentro dele e viu o sapo.

— Ahhhhhh, sapo! Fui eu que te trouxe, então? Mas agora tu vai descer sozinho!

Indignado, pegou o sapo por uma das perninhas para jogá-lo para baixo. O sapo, apavorado, olhou para aquela imensidão. E teve uma ideia.

— Por favor, me jogue numa pedra, mas não me jogue num lago!

Mirando, então, no lago, o corvo girou a perninha do sapo e o jogou com força. Na descida, o sapo, enquanto se batia nas árvores, foi rezando:

— Um lago, um lago, um lago...

PLOF!

O sapo caiu dentro de um lago bem grande. Saiu nadando. Sobreviveu, mas ficou muito machucado. Tinha batido aqui, lá, acolá. Ficou todo empipocado, de tanto que se bateu.

Por isso, até hoje, o sapo tem uma pele assim toda enrugada, cheia de marquinhas. Foi de tanta coisa que ele passou, da festa no céu até cair naquele lago.

A GARÇA E A RAPOSA

A garça e a raposa eram amigas. Mas daquelas amigas entre aspás. Tudo o que uma fazia, a outra queria fazer igual.

Certo dia, a raposa, sempre muito esperta, decidiu fazer um jantar para as amigas, entre elas, a garça. Fez uma enorme sopa, puro caldo. Aguada, mas deliciosa.

As convidadas começaram a chegar e provar a sopa. E todas as que conseguiam lamber, ou seja, que não tinham bico como a garça, ficaram satisfeitas. A raposa se deliciou com a própria comida. Já a garça, cada vez que tentava tomar o caldo, batia o bico. Não conseguiu comer nada.

— Um dia, eu vou me cobrar disso – pensou a garça.

Passado um tempo, a garça organizou seu próprio jantar: fez uma enorme polenta, bem dura. Convidou toda a bicharada que conseguia bicar. Chamou a raposa como “convidada especial”.

— Como eu vou comer isso? A minha sopa era só ‘lec, lec, lec’ e tomar – pensou a raposa.

Todos os convidados que bicavam comeram a polenta. Se deliciaram e foram embora.

— Comeu bem, amiga? – perguntou a garça, com falsidade, à raposa.

— Não, não comi. Não tinha como.

— Mas estava tão delicioso!

— É, mas eu não consegui.

A garça, que esperava há tempos para dizer isso, respondeu:

— Olha... nunca faça o mal esperando o bem. Hoje, eu dei o troco.

A HISTÓRIA DE PEDRO MALAZARTE

Havia um menino muito pobre. Tudo o que ele tinha era uma mala, uma panela, uma colher e uma funda. O nome dele era Pedro Malazarte. Nome que surgiu porque ele tinha uma mala e era muito arteiro.

Um dia, lá na ponta do capão, ele viu uma perdiz. Atirou nela com a funda e a matou. Depenou a ave, preparou um fogo com gravetinhos e a colocou na panela.

De longe, viu que uma poeira estava levantando na estrada. Era uma boiada vindo com um tropeiro. Pedro logo apagou o fogo com um punhado de terra e deixou a panela continuar fervendo.

— O que tu está fazendo aí? – perguntou o tropeiro ao chegar.

— Tô fazendo a minha janta.

— Sem fogo? Sempre ouvi falar que você era um menino muito inteligente, Pedro Malazarte, mas você deve ser um burro, parado aí, cozinhando sem fogo na panela.

— É que a minha panela é mágica. Ela cozinha sozinha. Só preciso pensar no que eu quero comer e ela faz. Agora, por exemplo, queria comer uma perdiz, pensei e a perdiz apareceu dentro da panela.

O tropeiro levantou a tampa da panela e lá estava a perdiz, borbulhando.

— Mas você come sempre assim?

— Sim, não preciso me preocupar. Tenho comida todos os dias, é só pensar e a minha panela mágica faz aquilo que eu quero. Comida quentinha na hora.

— Bom, mas tu podia me vender essa panela... Te dou o meu chapéu em troca.

— O que eu vou fazer com um chapéu? Preciso da panela para ter comida...

O tropeiro pensou, pensou e disse:

— Quem sabe eu te dou uma vaca?

— Pois é, uma vaca até seria bom, mas do que adianta ter uma vaca... que logo não terei mais. A minha panela é para sempre.

— Quem sabe eu te dou duas vacas e tu me dá a panela então?

— Não... o que eu faço com duas vacas? Logo preciso matar uma para comer, depois a outra... passam os dias e não tenho mais nada. Na panela, sempre tenho comida.

O tropeiro foi oferecendo mais e mais. Até que disse:

— Quem sabe eu te dou todas essas cabeças de gado e tu me dá a panela?

— Não, o que vou fazer com 200 cabeças de gado? Se você me desse as 200 cabeças de gado, o seu cavalo e mais o seu chapéu, aí sim, eu até faria essa troca...

O tropeiro, animado em não ter mais que trabalhar e sempre ter comida à disposição, tirou o chapéu, botou-o na cabeça do Pedro. O menino foi embora com o cavalo dele e as 200 cabeças de gado.

O tropeiro ficou ali comendo a perdiz. No dia seguinte, mandou a panela fazer outra comida que ele queria, mas a panela não fez nada. Ficou furioso.

— Se um dia eu encontrar esse Pedro, vou matá-lo!

Pedro, na cidade, vendeu todo o gado e começou a viver bem. Nessa cidade, havia uma velha. Mas ninguém mais a enxergava além de Pedro. As pessoas diziam que ele tinha enlouquecido, pois falava sozinho. Passava horas conversando com essa senhora.

Passou um tempo, Pedro gastou todo o dinheiro do gado. Contou para a velha que estava pobre de novo, mostrando os bolsos vazios. “E agora? De onde tiro o dinheiro?” pensava Pedro.

— Você tem essa foice - disse ele à velha - Vamos vender essa foice?

— Não, de modo algum - ela respondeu - Como a gente é amigo e já ficou tanto tempo junto, vou te contar o meu nome, que até agora não me apresentei, e porque eu tenho essa foice. O meu nome Morte. E essa foice eu uso para ceifar vidas.

Diante da surpresa de Pedro, ela continuou:

— Mas eu tenho uma ideia. A gente fica na cidade, e quando alguém estiver doente, eu vou para perto dessa pessoa. Você vai lá, visita a pessoa, e observa: se eu estiver do lado esquerdo, você chama os parentes e diz que não tem como recuperar. Se eu estiver do lado direito, você

diz que a pessoa vai melhorar. E você cobra um valor alto por isso. As pessoas vão estar emocionadas com o ente querido doente e vão pagar.

Fizeram isso durante muitos anos. Tantos que Pedro deixou de ser criança e se tornou adulto. Com o dinheiro que ganhava com a morte, fazia festas, vestia-se bem, comia bem. Certo dia, a morte chegou para ele e avisou:

— Pedro, tenho uma notícia ruim: tu vai morrer.

— Mas Morte, você, minha amiga há tantos anos, passamos tanto tempo juntos, somos como uma família, e agora você diz que vai me matar?

— São regras da vida... Eu tô aí para isso. Você vai morrer de qualquer jeito.

Pedro pensou, pensou... sem se contentar em perder para uma velha.

— Bem, Morte, se eu vou morrer, vou morrer. Fazer o quê? Mas eu acho que tu não é assim tão poderosa como diz que é.

— Eu sou sim - respondeu ela.

— Não, você não tem muito poder. Já te vi matar muitas pessoas, mas duvido que você entre dentro dessa garrafa aqui.

ZUPT! Ela entrou na garrafa na mesma hora. Pedro a fechou e guardou no canto de um quarto escuro.

Com isso, ninguém mais morria na cidade. Anos se passaram e nada: todos vivendo bem, e todos querendo muito bem ao Pedro, que contava que tinha salvado toda a humanidade (sem dizer como).

Um dia, o pessoal da vila começou a reclamar para ele que sua casa estava muito suja e desleixada, que precisava de uma boa limpeza.

— Mandem alguém aqui fazer uma limpeza então - disse ele.

Chegou uma mulher para limpar. Começou a faxina e foi parar naquela garrafa. Achou interessante a fumacinha que se movia dentro dela. A mulher perguntou:

— Fumaça, você está falando comigo?

— Tire a tampa, tire a tampa - respondeu a fumacinha.

A mulher destampou a garrafa e a Morte saiu. Agora, a morte estava à solta.

— Pedro, você vai morrer - disse ela, ao se encontrarem - em você eu não acredito mais, não vou mais entrar em garrafa nenhuma!

— Tá bom - disse Pedro - em vista da nossa amizade, marque uma data bem longe para me matar.

A morte fez isso. Adiou por alguns anos. Pedro, nunca mais tomou banho, nunca mais fez a barba e cabelo. Andava sujo, cabeludo e barbudo. Até que chegou a semana planejada da morte. Pedro decidiu gastar todo o seu dinheiro em uma festa bem grande para todos os amigos. Um dia antes, se arrumou, tomou banho, cortou barba e cabelo (chegou a ficar careca), botou roupa limpa. Na festa, a morte andava com a foice, para cá e para lá, procurando por um homem sujo, barbudo e cabeludo, sem encontrá-lo.

A festa estava acabando, o dia amanhecendo, e a Morte chegou e perguntou a Pedro:

— Ô careca, você não viu um homem muito sujo por aí?

— Não vi.

— Bom, eu vim aqui para matar o Pedro Malazarte.
Mas já que eu não achei, vai você mesmo.

E passou a foice no pescoço dele.

A VELHA E O MACACO

Em um povoado, morava uma velha que fazia doces para vender e um macaco que sempre roubava os doces dela. Ela vivia atrás do macaco, tentando pegá-lo. Fazia diversas armadilhas, mas o macaco sempre se safava.

Um dia, ela decidiu fazer um boneco. Foi para o mato e juntou alcatrão (um tipo de cera) e fez um boneco preto enorme com aquilo. Colocou uma cocada em cada braço do boneco, e o deixou na beira da estrada, para que o macaco visse.

— Me dá um doce desses - pediu o macaco, ao enxergá-lo.

O boneco nada disse.

— Me dá um doce, senão te dou um soco na cara!

O boneco, quieto. PAF. O macaco deu um soco nele. E ficou com a mão grudada. Tentou escapar, mas a resina forte do alcatrão não deixava.

— Larga da minha mão, me dá um doce, senão te dou outro soco!

O boneco não falou nem se mexeu. PAF. Outro soco. O macaco ficou com a outra mão grudada nele.

— Larga as minhas mãos, me dá um doce, senão eu te dou um chute!

Como o boneco continuou quieto, ele deu um chute. E ficou com o pé preso também.

— Larga as minhas mãos, larga do meu pé e me dá um doce, senão eu te dou outro chute!

E foi o que aconteceu. Ficando agora com os dois pés presos.

— Larga as minhas mãos, larga dos meus pés e me dá um doce, senão eu te dou uma cabeçada!

PAF. Cabeçada. O macaco ficou totalmente

grudado. A velha, que esperava por esse momento há muito tempo, pegou um cipó e bateu muito no macaco.

Largou ele no mato, onde ele ficou por vários dias. Com febre, com dor, se contorcendo. Até que viu que chegaram alguns caçadores. Comeram, beberam e ficaram ali por um tempo. Depois de alguns dias, eles foram embora, mas deixaram a pele de leão que eles haviam matado.

— Ah, velha, agora tu me paga - disse o macaco, usando a pele para se fantasiar.

Foi até os fundos da casa dela e, quando a velha saiu para tirar água do poço, o macaco pulou em cima dela! A velha levou um susto, começou a gritar por socorro. Na confusão, caiu no poço!

O macaco se sentiu mal. Não queria matar a velha, só queria dar um susto nela. Correu para achar uma corda, não encontrou. Nem cipó. A cada grito de socorro da velha, ele ficava mais nervoso.

Lembrou então que não tinha corda, mas tinha um rabo. Esticou o rabo para ela, que conseguiu sair.

Depois disso, os dois ficaram amigos e foram até morar juntos. Agora, a velha faz os doces enquanto o macaco toca violão e canta:

— Sinhá véia, sinhá nova, assustei sinhá véia com a pele do leão, sinhá veia me assustou com o boneco de alcatrão. Tiririn tiriron, tiririn tiriron.





Propriedade da família, no interior de São Francisco de Paula;
Com o bisneto, Daniel. Com a neta, Daniela, e a mulher, Olga.





À esquerda, com a mulher, Olga; e com o primo, Ismael;
Acima, encilhando cavalo Matungo no galpão da propriedade.





À esquerda: netas de Norberto Paula,
Daniela e Mariolga;

À direita, em cima: os netos Carla,
Daniela, Jossandra, Paula,
Carlos Norberto e Mariolga.

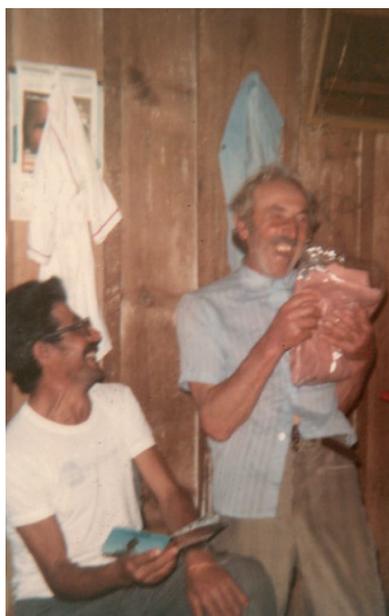
Embaixo: Maria Elisabete (filha de
Norberto), Joaquim Rodrigues e filhas.





Acima: avós e netos;
Embaixo: Norberto com
as netas Daniela e Paula.
À direita: Maria Elisabete,
filha que fez o relato
dos contos para este livro.







À esquerda: Em Capão da Tapera; Com o bisneto, João Vitor, e em um evento de família.

À direita: Vista da casa da família.



Cenários da propriedade Capão da Tapera, localizada em São Francisco de Paula.

